



Vol. 27, nº 2 (2024)

**ENTRE COLONIALISMO E DESCOLONIALISMO: A (GEO)GRAFIA DO
CORPO (TRANS)PASSADO PELAS (REL)AÇÕES DE PODER NO (UNI)VERSO
DE ESTEBAN RODRIGUES**

**ENTRE COLONIALISMO Y DECOLONIALISMO: LA GEOGRAFÍA DEL
CUERPO TRANS ENVUELTO POR LAS (REL)ACIONES DE PODER EN EL
VERSO Y UNIVERSO DE ESTEBAN RODRIGUES**

Thaís Cristina Souza Almeida¹

Recebimento do Texto: 29/11/2024

Data de Aceite: 26/12/2024

Resumo: No artigo em questão será realizada uma análise do poema: “Me Gritaram Hipócrita”, de Esteban Rodrigues do livro *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos* de 2021. No exame será apreciado a sensualidade do discurso poético, em seu aspecto formal, semântico e fonético de modo a desvendar as particularidades dessa criação. O trajeto de sondagem do corpo estético será desenvolvido de modo explorar as complexas relações de poder instauradas pela “colonialidade”. Outrossim, compreender-se-á o objeto literário como produto da antropologia, da história, da política e da geografia, uma prática textual capaz demolir os arranjos hegemônicos de poder na esfera cultural.

Palavras-Chave: Análise. Poesia. Descolonialidade. Corpo. Metapoesia.

Resumen: En ese artículo se desarrollará una análisis del poema: “Me Gritaram Hipócrita”, de Esteban Rodrigues del libro *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos* de 2021. En el examen evaluará la sensualidad del discurso poético, en su aspecto formal, semántico y fonético de modo a descifrar las particularidades de esa creación. El trayecto de investigación del cuerpo estético se desarrollará de modo explorar las complejas relaciones de poder establecidas por la “colonialidad”. También, se comprenderá el objeto literario como producto de la antropología, de la historia, de la política e de la geografia, una práctica textual capaz derribar la orden hegemónica de poder en la esfera cultural.

Palabras-Clave: Análisis. Poesía. Decolonialidad. Cuerpo. Metapoesía.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: almeida.thais@unemat.br



Introdução

Esse artigo analisará o poema “Me Gritaram Hipócrita”, de Esteban Rodrigues, do livro *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos* (2021). A seleção do poema foi feita no (per)curso da disciplina Ibero-afro-americanas, terceiro módulo, que proporcionou conhecer tais escritos. Foi o início do trajeto, em que a sondagem do *corpus* estético foi desenvolvida de modo a explorar as complexas relações de poder, instauradas pela “colonialidade”. Com isso, buscou-se, neste estudo, compreender o objeto literário como produto da antropologia, história, política e da geografia, uma prática textual capaz de demolir os arranjos hegemônicos de poder na esfera cultural.

Torna-se indispensável esclarecer a noção de “colonialidade” e “descolonialidade”. Para isso, retomam-se os pensamentos de Mignolo (2017, p.13), que abrange “colonialidade” como uma matriz ou padrão colonial de poder que está intimamente conectada com a modernidade, bem como sua ideia de felicidade e desenvolvimento que sustenta e justifica a violência que acomete o eu, cuja percepção interfere nas relações sociais, econômicas e culturais. A “(Des)colonialidade”, por sua vez, é a (re)ação, a (dis)simulação de progresso e felicidade da modernidade perpetuada por grupos que se mantêm gerenciando tais relações.

O conceito de “descolonialidade” tem endereço de partida, visto que nasceu no terceiro mundo, com seu tempo e história local distintos dos países imperiais do Ocidente, no momento em que a fragmentação em três mundos se desfazia. Essa postura tem sua origem na Conferência de Bandung de 1955, que tinha por finalidade o desprender-se das narrativas ocidentais, um terceiro modo de olhar o mundo, que não fosse nem capitalista nem comunista, a vereda que se abriu foi a descolonização. Essa vertente possui seus próprios esteios políticos e epistêmicos, que confronta as novas *epistemes* – moderna, pós-moderna, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade – dentre outras posturas. A essência desse movimento é a busca da igualdade global e justiça econômica.

Em razão de sua genealogia, o pensamento descolonizador exhibe uma rota marcada pelo pensamento/ sensibilidade e fazer fronteiro, o qual abeira-se da “consciência imigrante” hoje da Europa e dos Estados Unidos. O caminho aberto pela descolonialidade trouxe a bifurcação de conceitos como pontos de origem e rotas de dispersão que são os



fundamentos para pensar a geopolítica do conhecimento/sensibilidade, da crença e também do corpo-política do conhecimento/ sensibilidade/entendimento.

Assim, nesse trabalho propõe-se (desen)volver a essa (com)(templ)ação bio-gráfica do corpo negro, transgênero e periférico no terceiro mundo a partir do poema “Me Gritaram Hipórcia” de Esteban Rodrigues. Os elementos estéticos serão componentes de comprovação dos fundamentos dessa política do conhecimento desse corpo racializado, explorado e marcado pela exclusão na história e nas relações sociais.

O artigo será dividido em duas sessões: uma breve introdução acerca da descolonialidade. Posteriormente, a análise, que será entremeada com estudos críticos e teóricos acerca da lírica contemporânea e dos estudos sobre descolonialidade e concisas contribuições acerca do poeta e seus escritos, considerações que serão costuradas aos fios de sentido que tecem esse corpo estético, as considerações finais e, por último, as referências utilizadas.

2. As (ex)tensões do sujeito: a (bio)grafia do corpo-poesia

Antes de começar o caminhar por entre os versos da composição, se elencará algumas informações acerca do poeta. Esteban Rodrigues é um homem trans, negro criado no subúrbio de Salvador. Produziu as seguintes obras: *Sal a gosto* (padê, 2018) e *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos* (paralelo13S, 2021). Também colaborou com a coletânea *Poemas de Amor e Guerra* (Villa Olívia, 2021). É pesquisador de gênero e sexualidade, escritor, produtor, poeta, modelo, compositor, professor e revisor.

O poema escolhido para análise “Me Gritaram Hipórcia” é uma produção de Esteban Rodrigues, poeta supracitado, e pertence ao livro *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos*, de 2021. No título do poema, há indícios da tensão que se prolongará na produção, visto que o eu poemático marcado pelo pronome oblíquo “me” deixa latente a indignação com o predicativo “hipórcia”, o qual foi direcionado a ele. Observa-se igualmente a adesão do poeta por uma linguagem espontânea, próxima da fala cotidiana, visto que o título se inicia com um pronome oblíquo na função de sujeito, espaço que de acordo com a norma culta só deve ser ocupado por pronomes pessoais do caso reto.



O verbo “gritar” e o termo no título “hipócrita” também excitam essa sensação de conflito, o primeiro por ser uma ação ríspida, intensa e que denota alterações emocionais de quem a pratica. Com relação ao aspecto verbal, a ação está no modo indicativo no pretérito perfeito, tempo que denota um fato passado e concluído. No *Dicionário |Online de Língua portuguesa* algumas das definições trazidas para o termo são: “bradar, clamar; queixar-se, protestar, reclamar; ralhar, admoestar; zangar-se e, por último, proferir em tom de voz elevado”. O segundo, “hipócrita”, carrega e conduz uma conotação pejorativa ao seu referente, que de acordo com a mesma plataforma é que ou quem: “se comporta com hipocrisia; que esconde seus reais sentimentos, intenções, opiniões, falso” ou que “demonstra uma virtude ou qualidade que não possui”. Semanticamente, os signos propagam a ideia de crítica e indignação.

Na designação inicial do livro em que a produção se encontra, *Com mãos atadas e como quem pisa em ovos*, de 2021 também se verifica essa tensão. Essa situação conflitante é compreendida pelas duas expressões que compõe o título: “com mãos atadas”, que ordinariamente é usada para indicar que uma pessoa está sendo impedida de agir, de tomar iniciativa ou medida para resolver um determinado problema. “Como quem pisar em ovos” estabelece uma comparação que intensifica tal percepção, visto que significa agir com cuidado e delicadeza em uma situação complexa, para assim evitar que dela resulte um problema. A imagem que se cria é como se alguém estivesse caminhando em cima de ovos, que por isso qualquer passo violento ou impensado causasse danos ou consequências negativas irreversíveis. Uma pessoa que age “como quem pisa em ovos”, está sendo cauteloso em uma situação que considera complexa para evitar cometer erros ou ofender alguém. O leitor depreende que o eu poético está vivenciando tal situação conturbada.

Em entrevista ao *Jornal da Cidade na Rádio Metrópole*, Esteban Rodrigues falou sobre os dois livros da sua autoria, em que o processo de transição de gênero é tema. A literatura se tornou uma profissão nesse momento, visto que o poeta compreendeu que o discurso poético permite suscitar questões que precisam ser discutidas, tanto temas bons quanto ruins, e que consegue driblar a resistência da sociedade e levar tais assuntos à espaços que apenas o discurso não teria força. De acordo com o poeta, *Sal a gosto* (padê, 2018) traz a visão do outro sobre ele e "*Com mãos atadas e como quem pisa em ovos*",



obra que guarda o poema analisado, traz uma maior maturidade e expõe uma escrita permeada do seu próprio ponto de vista sobre si:

Tem mais maturidade enquanto pessoa transgênero: há uma diferença do início da transição para quando a gente está há mais tempo nessa transição. Ele fala mais especificamente de como eu me vejo agora, como eu consigo olhar para o meu corpo, como consegui desconstruir essa ideia de que pessoas trans odeiam o próprio corpo e não se entendem com o corpo em que vieram. Eu consigo, hoje, me ver no corpo certo, enquanto homem.

Nota-se que o verso do título “Me Gritaram Hipócrita” comporta-se como um mote, uma epígrafe, uma oração concisa que traz a (motiv)ação, o resumo do poema: a violência sofrida pelo sujeito poemático. Ao desenhar essa atmosfera, instiga o leitor a ler o poema para descobrir a sua verdade, dando-lhe intensidade e maior expressividade ao texto poético, tornando-o marcante. Essa constatação é feita por meio da possibilidade de encavalgamento desse mote com a estrofe inicial do poema, composta por quatro versos, em que é repetida, reforçada a oração da designação inicial, contudo com o verso descolado para a linha seguinte: “Me Gritaram Hipócrita/ na porta do armário /me gritaram / Hipócrita /e outros me olharam”.

Desse modo, a tensão semântica do termo “hipócrita”, aliada a uma linguagem informal, vista no uso do pronome oblíquo “me” como sujeito, desde o primeiro verso do poema, resulta na dualidade semântica causada pela configuração sintática do verso realizada pelo poeta. No (de)correr das leituras, a disposição do adjetivo “hipócrita” desde o verso da inscrição inicial derrama toda ambivalência semântica, haja vista que também pode ser entendido como um vocativo, apesar de não ter a vírgula isolando-o, a oração é quebrada pelo deslocamento do adjetivo hipócrita para o verso seguinte, e mesmo que o predicativo esteja grafado no singular, há a possibilidade advinda da linguagem informal adotada pelo poeta, que, por isso, estaria proferindo uma crítica a uma terceira pessoa, um clamor ou reclamação ao seu interlocutor, aos leitores.

Ao evidenciar essa dualidade no título “Me Gritaram Hipócrita”, aduz a uma dupla visão dentro do poema. Tal ambivalência ocorre por causa das duas virtuais interpretações observadas, pode-se compreender que na primeira percepção, em que hipócrita remete ao eu-lírico, essa visão não emana do próprio indivíduo que sofre a qualificação, mas de uma outra pessoa, ou melhor, de uma coletividade, visto que gramaticalmente a indeterminação do sujeito é um recurso que vem através da terceira pessoa do plural do verbo, que esconde



o autor da ação do ato de gritar - “gritaram”. Já em oposição, na segunda leitura perceber-se que a visão que emana é a do sujeito poético, cuja inteligência, traz o hipócrita como vocativo, direcionado às pessoas que o gritaram.

Essas linhas corroboram e estimulam tal duplicidade de sentidos do termo hipócrita, cuja palavra na passagem da primeira instância tem como vetor de possibilidades de leituras, novamente a sintaxe, sua disposição na estrofe, e o ritmo que dela se impõe juntamente a linguagem informal utilizada. Nos três primeiros versos o eu-lírico inicia por apresentar o espaço em que a ação da designação inicial, gritar, ocorre, “na porta do armário/ me gritaram/ Hipócrita/ e outros me olharam”. Presencia-se o isolamento do termo hipócrita, que pode remeter a exclusão e conseqüente silenciamento sofrido pelo eu poético em razão da discriminação, pelas ações exemplificadas, “gritar” e “olhar”. Também se volve e intensifica-se a noção de vocativo, a qual traria a ideia de uma lamúria do eu poético acerca da falsa virtude de quem o gritou. Em consonância com a duplicidade difundida pela sintaxe desde o título até os quatro versos de estreia.

Assim, tais elementos espaciais citados no primeiro bloco estrófico – a porta e o armário - encerram toda a subjetividade dessa poética. Tal hipótese pode ter como esteio a frase do senso comum “sair do armário”, expressão popularmente usada para pessoas, que tornam público, assumem a sua orientação sexual ou de identidade de gênero. A gíria se originou da tradução da frase “come out of the closet”, que se formou da palavra em inglês “coming out”, que significa revelação e saída, utilizada no século XIX e XX por moças que se apresentavam a sociedade em bailes debutantes, com intuito de arrumar um casamento; que associada à expressão “skeletons in the closet”, “esqueletos no armário”, que significa um segredo tenebroso e vexatório, que nesse caso seria a transgeneriedade. Essa metáfora absorvida pelo poeta, na contramão de sua origem, representa o desejo de liberdade, o se apresentar ao mundo, mostrando não ter motivos para se esconder ou envergonhar-se de si.

Ao evidenciar esse jogo semântico-sintático de tais linhas introspectivas e as percepções distintas acerca do sujeito poético, podem-se aludir as considerações de Albert Memmi, em *Retrato do Colonizado Precedido de Retrato de Colonizador* (1920). Ao discorrer sobre a relação de poder entre colonizador e colonizado declara:

O racismo aparece, assim, não como um detalhe mais ou menos acidental, mas como um elemento consubstancial ao colonialismo. Ele é a melhor expressão do fato colonial, e um dos traços significativos do colonialista. Não apenas estabelece a discriminação fundamental entre colonizador e colonizado, condição



sine qua non da vida colonial, como fundamento de sua *imutabilidade*. Só o racismo autoriza afirmação para eternidade, substantivando-a, uma relação histórica que teve começo datado. (MEMMI, 1920, p.110-111).

Acerca da ambiguidade estética, é interessante reporta-se a Melo e Castro (1973, p.83). “Ambiguidade é, pois diversidade semântica cumulativa contida em só objeto que é capaz de agir em vários níveis. Este é o rigor estético que está na raiz daquilo a que chama Umberto Eco de a Obra Aberta (1962).” Esse recurso não é sinônimo de falta de clareza, mas um instrumento que difundi percepções plurais através de objetos. Nesse poema, a imagem da porta auxilia nessa pluralidade de sentido, uma vez que alude à fronteira, à ponte que permite entrar ou sair de um mundo, situação ou lugar, nesse caso o espaço do armário, destinado a guardar/esconder coisas e pertences. Na literatura há inúmeras narrativas em que objetos se tornam portais para entrar no espaço fantástico da literatura, como o guarda-roupa em *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de Clive Staples Lewis.

Ao estabelecer esse diálogo com ambas as interpretações, tornam-se pertinentes as questões de gênero, ou acerca da feitura da própria poesia; pode-se inferir que a “porta do armário”, em que o sujeito poético se encontra, na estrofe que principia o poema, é o portal mágico, a ponte, o mote que o permite adentrar ao “reino das palavras”, na poesia. “Mundo da fantasia” em que o (re)verso do silêncio, a linguagem prenhe de significados, em total liberdade, tal como almeja o sujeito poemático, está representada no (dis)curso poético e na (geo)grafia do corpo transgênero no (uni)verso. Os verbos “gritar” e “olhar”, nesse interstício, remetem aos sentidos do corpo humano, audição e a visão, pois são ações que indicam o semblante sinestésico dos versos a seguir, construídos através da percepção de mundo do eu trans(passado) para o poema. Ademais, o tom de voz e os movimentos sinuosos dos olhares dos “outros” dirigidos a ele.

Em entrevista ao jornal online *Parêntese*, em 7 de maio de 2022, o poeta ao ser indagado sobre quem é Esteban, as memórias (re)ascendem o elo indissociável entre poesia e vida para o poeta. Quando criança os pais lhe apelidaram de Esteban, por causa do personagem da novela *Kubanacan*, que com seu jeito atrapalhado, os faziam lembrar do filho. Além de ter assinado seu primeiro poema, que escreveu na quinta série, como Esteban, pois quis criar um personagem, uma outra pessoa, que queria que fosse um poeta e não uma poeta.



Assim, realidade e poesia em Esteban Rodrigues se cruzam, ou melhor, se incorporam desde o seu “nascimento”. Sobre o (des)limites entre poesia e realidade em sua elaboração estética, o poeta declara:

Quando me construí Esteban, muito já tinha sido construído sem que eu tivesse me dado conta. Hoje, com dois livros publicados, eu vejo que cada passo me trouxe até aqui de uma forma muito bonita. Ainda que os tropeços, ainda que as paradas. Esteban saiu de papéis e hoje se expressa através deles.

Ao atar ficção e realidade em “Me Gritaram Hipócrita”, remete-se a Secchin (2018, p. 12) em *Poesia e desordem*, que reflete sobre a simbologia do discurso poético, e seu poder de (des)velar a distância entre o homem e seu espaço:

[...] a poesia poderia ser também encarada como uma espécie de grande metáfora da língua, um discurso que, simulando ser à imagem do outro, já que dele utiliza as palavras e a sintaxe, acaba gerando objetos que desregulam o modo operacional e previsível da matriz. O poema é a doença da língua e a saúde da linguagem. Ele serve para quê? Talvez para insistir que há sempre restos, equívocos, lapsos, fraturas na sintonia do homem com o real. (SECCHIN, 2018, p.12)

Retomando as possibilidades de interpretações relativas ao termo hipócrita, nota-se que na segunda estrofe se desfazem a multiplicidade semântica, devido o despontar de um verso afirmativo: “meu eu hipócrita”. Essa asserção vai produzir uma ideia de ruptura, de quebra das ambiguidades já mencionadas, pois o leitor situa-se junto, no caminho principiado pelo eu poemático até então irresoluto, “na porta do armário”, que agora se (des)crevê, se denomina como “meu eu hipócrita”. Testemunha-se o efeito da assimilação por parte do sujeito poético do qualitativo que lhe imputaram, “hipócrita”, desse momento em diante segue definindo-se como “meu eu hipócrita”.

A frase causa estranhamento e uma reflexão acerca desse sujeito, logo um mergulho em sua existência, na sua identidade, uma vez que mostra que esse “eu hipócrita” pertence a pessoa que fala, por causa do pronome possessivo “meu”, contudo transmite a sensação de que é apenas uma parte dessa existência, apenas o “meu eu hipócrita”, o meu eu inventado. Mais adiante se verifica que a aparente assimilação do predicativo “hipócrita” pelo eu poemático, é uma estratégia discursiva, um grito repleto de ironia, uma denúncia sobre os constantes ataques à sua integridade e seus direitos essenciais, em que



(d)(escre)vê as repetidas situações de violência experienciadas em sua trajetória: “meu eu hipócrita / carregava uma mochila/ cheia/ de direitos arrancados/ e exposição gratuita”.

Entretanto, o termo “hipócrita” pode também ser entendido como um traço metapoético como indicado acima, “o eu inventado”, no qual o poeta em sua construção estética reverbera sobre o seu papel no processo de criação à semelhança de uma “Autopsicografia” que o caracteriza como hipócrita, falso, dissimulado: “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente”. E em face dessa capacidade de evocar, de (re)criar sentimentos, (sens)ações e a atmosfera hostil vividas pelas pessoas trans, por meio de sua linguagem, faz com os leitores (re)vivam essas experiências, não as experienciadas por Esteban, mas as (re)criadas por ele a partir daquelas: “Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, / Mas só a que eles não têm”.

Nesse hiato, começa (d)(escre)ver o seu itinerário ao “sair do armário”. O eu, que na primeira estrofe se apresenta “na porta do armário”, e deixa o leitor hesitoso se está entrando, se escondendo, ou saindo, se “assumindo” para a sociedade, diante da aspereza das ações lhe são ofertadas pelos “outros”: gritos e exaustivos olhares. Na segunda estância, revela-se o deslocamento, o eu (trans)ferido, que deixa seu espaço de exclusão, isolamento/proteção, e se introduz no (uni)verso, carregando consigo seus pertences retirados daquele espaço: “mochila cheia de direitos arrancados e exposição gratuita”. Nesse fragmento a contradição, “cheia de direitos arrancados” e direito/exposição alinhavada com a metáfora “mochila”, que remete a escola e ao conhecimento, caracteriza sua bagagem pessoal, a aprendizagem e mesmo o medo, em razão da repleta usurpação de direitos e exposições frequentes, já narradas pelo eu: gritos e ostensivos olhares que o (per)seguem ao “sair do armário”.

Os versos dão continuidade a caracterização que se principia pelo espaço e transpassa para o eu que o habita. Esse movimentar se dá por meio da expressão das vivências do eu hipócrita e da linguagem utilizada para relatar tais experiências: “meu eu hipócrita/ obrigado a usar/ o banheiro errado/ o pronome errado/ porque certos são os Outros”. A escolha por iniciar o pronome indefinido os “Outros”, que já havia aparecido na primeira estrofe, mas não com “o” inicial escrito com letra maiúscula, (re)vela a personificação e sugere, o seu poder de imposição, o lugar privilegiado, para com o sujeito



poemático, o qual sob seu jugo, é coagido a seguir o que determinam, o que consideram como certo: “obrigado a usar/ o banheiro errado/ o pronome errado/ porque certos são os Outros”.

Apesar do isolamento e a conseqüente exclusão do sujeito poético, reforçado pelas oposições: eu/outros, direito/ violência e certo/ errado, é relevante notar que o rompimento do silêncio se dá no (dis)curso poético. O eu até então calado consegue no seu canto, voz e espaço, (des)atar os nós que o prendiam e exala seu ponto de vista sobre si e o meio em que vive. Fanon (2008 p.33) ao reverberar acerca do poder da linguagem declara que “Falar é estar em condições de empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”.

Desse modo, observa-se que o eu, que concerne à ambigüidade no terceiro bloco estrófico, torna-se eminente a ironia que se acenava nas estâncias precedentes, visto que se alça a oposição dos adjetivos certo/errado. Este se relaciona a tudo que remete ao sujeito poético, enquanto aquele determina a ação dos “Outros”, de acordo com a “cisnorma”. Os substantivos: “banheiro” e “pronome” são elementos de luta para efetivação do direito de igualdade, reconhecimento e inclusão das pessoas transgêneros, visto que mesmo sendo legalmente reconhecido, na prática não se concretiza o acesso a banheiros, sobretudo públicos, de acordo com a identidade de gênero. Da mesma forma, as pessoas trans têm o direito estabelecido na lei a escolha do pronome a que deseja ser chamada, mas, diante do estigma que as rodeiam, ter legislação que ampara não significa viver essa realidade em seu cotidiano. Observa-se o não acesso, a exclusão a determinados espaços sociais, metonimicamente representado pelo banheiro, tal como o silenciamento do eu por meio do não reconhecimento de seu direito a fala, evidenciado pela imposição do pronome de tratamento, nesse fragmento a linguagem, elemento de poder, inserção e atuação na sociedade, torna-se a ferramenta de opressão.

Na abertura da quarta estrofe do poema, o verso repete a frase “meu eu hipócrita”, presente nas duas estâncias anteriores, contudo o verso se (es)vai, se (re)faz, com a repetição, reduzindo palavras em versos, (e)feito que parece (a)tingir o sujeito poético; o qual se mostra ainda mais despedaçado, cansado, solitário e enfraquecido, que na primeira estrofe, perante as violências sofridas: “meu/ eu/ hipócrita/ foi gritado”. Nessa estrofe, os versos reiteram semanticamente a tensão (pre)sentida na epígrafe inicial “Me



Gritaram Hipócrita”, contudo, apesar da semelhança no sentido, a configuração sintática exibida, o tempo e a voz verbal (per)faz, (re)alça a percepção de angústia e exclusão e conseqüente isolamento do eu e gera um novo significado. Desta maneira, nota-se que nesse intervalo o verbo está na voz passiva analítica, composta pelo verbo auxiliar ser mais o particípio do verbo principal, “foi gritado”, em que o sujeito paciente deixa de realizar para então sofrer a ação a semelhança do sujeito do poema.

Outrossim, no quinto e sexto bloco de versos emergem os monósticos, que fomentam essa conotação de isolamento, reclusão do sujeito poemático em face da violência: “exposto/ de novo”. O uso do verbo no particípio, forma nominal, que funciona como adjetivo, que conforma a feição do “eu hipócrita”, indica ação já realizada, por isso, localizada no passado. Iniciado desde a estrofe anterior com “gritado”, seguido de “exposto” exhibe uma sequência de ações agressivas que culminam nos monósticos, que (re)presentam a (in)comunicação do eu trans, em face do visível deslocamento no (uni)verso.

Nesse excerto, verifica-se a gradação dos adjetivos “gritado” e “exposto”, intensificados pelo advérbio “de novo” e pelos sons oclusivos [t] e [p] nas sílabas tônicas e o [g] pré-tônica, as duas primeiras com o estalo produzido em suas articulações ecoam e sugerem os atos de violências mencionados; enquanto a última consoante que em sua condição de glotal remete ao embaraço e atordoamento ao narrar sua trajetória. Essas práticas de segregação são recorrentes, por isso, reafirmadas em todas as estrofes: “gritar”, no mote inicial e na primeira estância, assim como “olhar”, na segunda: “direitos arrancados”, “exposição gratuita”, terceira: “obrigado a usar o banheiro errado/ o pronome errado/ porque certos são os Outros”, seguidos de “gritado” e “exposto”.

Na última estrofe, continua a descrição do espaço/eu que se (es)tende a uma explicação acerca das causas que motivaram os olhares e gritos, a violência (re)sentida nos versos. O eu poemático expressa o sentimento de “inadequação” com seu meio vivenciado desde as suas vestimentas, promovido e incentivado pelo padrão, o modelo cisgênero, cuja ordem faz retomar novamente uma duplicidade de perspectiva sobre o eu: a sua e a dos “Outros”, confronto que em conformidade com o já abordado, impera a (r)esistência do “eu hipócrita”, que mesmo em face da violência legitimada pelas configurações de poder e opressão instauradas pelo pensamento moderno-colonial segue seu (per)curso de libertação



de si, de descolonização de seu corpo-poesia e (re)conhecimento de seu espaço (geo)gráfico e seu discurso. (“por usar camiseta/ e não o padrão de quem sou/ no lugar que insistem/ em me tratar/ pelo que nunca fui”).

No que concerne a estrutura poética de “Me Gritara Hipócrita”, é erigida por versos livres que, visualmente, auxiliam a criar essa (des)organização, a sensação de conflito é uma tentativa de ruptura dos padrões instaurada por meio da descrição do caminhar do sujeito poemático. Como supracitado, os monósticos excitam a ideia de exclusão, por meio da disposição das linhas e de seu ritmo, que faz com que a elaboração espalhe a ideia de conflito e de angústia vislumbrada desde os primeiros passos entre os versos. Percurso no qual essa poesia engajada, mas igualmente subjetiva e introspectiva tem por finalidade retratar as mazelas causadas pela transfobia e a consequente marginalização dos corpos trans que lutam para ser inclusos sem se sujeitarem aos padrões do (cis)tema.

Outro componente formal de grande valia é o uso dos versos livres, os quais auxiliam na intensificação dessa denúncia do sujeito poemático. A parte sonora também ecoa essa luta em todo o poema foneticamente, destaca-se nas sílabas tônicas, pós-tônica e pretônicas sons oclusivos com lugares de articulações diferentes como nas palavras: porta, armário, gritaram, hipócrita, carregava, direitos, arrancados, obrigado, banheiro, errado, exposto, padrão, tratar; em que o som oclusivo bilabial [p] e [m], linguodental [t] e [n] o glotal ou velar [g], [c] [rr]e [nhe] que recria o cerceamento, o isolamento e o silenciamento do eu por meio da violência. E pela força da emissão, devido à obstrução do ar nessas consoantes, sobretudo em “hipócrita” e “gritaram”, ressoam a denúncia do sujeito poético. A vogal “o”, que se pronuncia com o fechamento e arredondamento dos lábios realça o sentido. O “i” pela sinuosidade e agudeza do som parece destilar uma sensação de aprofundamento do ser que se pode remeter a ironia e a angústia.

No que diz respeito à classe gramatical das palavras utilizadas no poema, chama atenção à presença de um pequeno número de verbos e advérbios, aqueles denotam a ações sofridas pelo eu, e esse intensifica tais ações: na primeira estrofe “gritaram” e “olharam”, que anunciam a sinestesia dos versos e as primeiras manifestações de violência contra o sujeito poemático; na segunda, aparece o verbo “carregava”, pretérito imperfeito que dá ideia de ação inacabada e, por isso, de continuidade, além de dar um caráter existencial para os versos, na terceira apenas o verbo “usar” no infinitivo. Na quarta, o verbo ser que



fortifica a ideia existencial dos versos, que por ser copulativos, de ligação une sujeito e predicado sem dar informação sobre a ação, na sexta a locução adverbial “de novo” que dá ideia de repetição relacionada a violências destinadas ao sujeito; na sétima, novamente, o verbo “usar”, “tratar” e “insistem”, que estimula a percepção de atitudes frequentes e persistentes, o verbo ser, no presente “sou” e no passado “fui”, que remete a dualidade do tempo para o eu – presente /passado - que é um vetor dessa tensão que com o advérbio de negação “nunca” hiperboliza o conflito entre o eu e o padrão imposto pela sociedade.

Os substantivos e, sobretudo, os adjetivos povoam as estrofes, essas classes gramaticais dão contornos ao eu e as situações pelas quais passa em sua caminhada. Na primeira estrofe, o adjetivo “hipócrita”, palavra-chave do poema, a qual expele ambivalência, como abordado acima e a locução adjetiva “do armário”; na segunda, o adjetivo “hipócrita” e “cheia” que se refere a metáfora “mochila”, que são suas vivências, bagagem pessoal marcadas por “direitos arrancados” e “exposições gratuitas”. Na terceira, repetição do adjetivo “hipócrita” e “obrigado” que caracteriza o eu, e o demais, errado e certo, que emitem juízo de valor, aqueles se conectam com os substantivos “banheiro” e “pronome” e certo ao pronome indefinido “Outros. Na quinta, o predicativo “exposto e na derradeira os substantivos “padrão” e “lugar”, termos que remetem as relações de poder, o lugar do eu (trans)formado em corpo-poesia, luta pela linguagem o território de poder em face dos (re) cursos econômicos, políticos, históricos e culturais de um grupo privilegiado pelo (cis)tema.

Dessa forma, os conflitos da linguagem remetem aos vividos pelas pessoas trans, em busca da liberdade de ser, igualdade e respeito. Traduzido pelos jogos dialéticos o interno/ externo, silêncio/grito, certo/errado, gênero/sexo, poesia/realidade, eu/outros; é o próprio embate entre o silêncio e a comunicação, no qual se reflete as (ex) tensões do eu trans e do espaço que lhe é hostil. O embate semântico dos termos promove a (des)construção da fronteira entre o interno e externo, entre o ser e o espaço, entre silêncio e poesia no poema, e demonstra a liberdade e a independência almejada pelo corpo trans e o rompimento da invisibilidade, um estar no mundo, a partir de sua matéria-prima: seu corpo-poesia, forma e conteúdo.



Considerações Finais

Esteban Rodrigues no processo de (de)composição do verso em “Me Gritaram Hipócrita” expressa o próprio curso de degradação do eu por meio da violência que lhe é dirigida. (Rel)ata à (caracteriz)ação desse espaço (geo)gráfico que, simultaneamente, une o interno, o estético: a escolha das palavras, sua disposição nos versos e os jogos semânticos ao externo: a expressão de suas escrevivências como homem trans, negro e periférico, cujas percepções e ideologias (des)velam o semblante introspectivo, crítico e direcionam a escolha de seus vocábulos, a pontuação e (des)constrói a ambiguidade do sujeito e de sua linguagem, em que seu corpo-poesia, insistentemente calado sabe que “A palavra sempre esteve lá no centro./ Agora, felizmente, é hora de todos versos escritos (por dentro) se libertar./ Mãos aladas./ Agora é pisar no chão para flutuar”.

No trato do poema analisado, se entreve uma poética introspectiva, subjetiva que adentra as reflexões acerca do processo de criação do poema e que atenua a fronteira entre realidade e poesia. Isto porque em “Me Gritaram Hipócrita” o corpo não é apenas a matéria para desenvolver o poema/poesia, mas o próprio despertar da poesia, corpo-poesia. Os ácidos e delicados versos de Esteban Rodrigues cantam o silêncio e a solidão do eu, o tempo e o espaço como elemento vetor do caos interno do eu, com seus sentimentos e (sens)ações; e externo, com sua rotina e seu estado exausto e cansado desse corpo-trans diante da pressão do cotidiano, espaço em que recria os conflitos e tensões relativas ao gênero, tal como a sua (r)esistência e desejo de liberdade convertido em palavras e a (re)descoberta de si e de seu corpo através da poesia.

A partir do exame realizado do poema escolhido, torna-se evidente a (pre)ocupação crítica e metapoética dos versos analisados. Esse viés crítico pode ser verificado na temática, nas ponderações acerca do conteúdo, nas quais a linguagem se enlaça com o assunto na formação do poema, que dá contornos a estrutura, a forma, desse corpo-poesia, do qual brota um som e ritmo alternante que se converte em significado, o próprio fluir da poesia, ou mesmo desse eu cansado. A escolha de um pequeno grupo de vocábulos restritos e repetidos evidencia esse cansaço em face das tentativas de expressão desse eu, que transborda para linguagem informal, fora da norma culta, que gera versos curtos, uma



sintaxe despedaçada, mas artilosa que mostra a criatividade, dualidade e capacidade semântica excitada desde o título: “Me Gritaram Hipócrita”.

Assim, o eu é a (ex)tensão do território (geo)gráfico de Esteban, um espaço de poder, o poema, segue “ocupando o silêncio que transita/ entre a boca e peito” do poeta. O silêncio devorado pelo (dis)curso poético desperta as metáforas, que fazem ecoar o grito surdo, o canto cinza dos desvairados que suportam o (cis)tema, e que (de)(a)nunciam que “De longe” “é preciso lembrar/ que a miopia tem níveis/ ser invisível não é não ser visto é não se ver”. Desse modo, a (ex)pressão do conteúdo, a luta da linguagem e o ritmo fragmentado são as experiências de (r)esistência estética do poeta à semelhança as do sujeito poemático, frente a ininterruptos atos de violência. Esteban anseia, em seu poema, instaurar na realidade, tal como na linguagem de seus versos, o processo de (des)construção (cistema), a ordem vigente.

Referências

BESSIÈRE, Jean. **Centro, Centros: novos modelos literários**. Tradução de Sandra M. Stroparo, 2011.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

Dicionário de Símbolos **SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS E SIMBOLOGIAS**.

Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/fruto/>. Acessado em: 10 de jul. de 2023.

NANCY, Jean-Lucy. **Resistência da Poesia**. Tradução Bruno Duarte. Ed. original: William Blake & Co. 2005.

FANON, Frantz. **Pela negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFUBA, 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 1920.

MIGNOLO, Walter. **DESAFIOS DECOLONIAS HOJE**. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), PP.12-32, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 1982.



Vol. 27, nº 2 (2024)

SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia e Desordem. *In*: **Percursos da poesia**. 1.ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora UFMG, 2018.

ROBICHEZ, Adele. RADIO METRÓPOLE. 15 de junho de 2024. Disponível: "[A poesia consegue alcançar espaços que discurso não consegue](#)", diz escritor transgênero - Metro 1. Acessado em: 18 de jun. de 2024.

PROTAZIO, Nathallia. JORNAL MATINAL. PERIÓDICO ONLINE. 07 de maio de 2022. Disponível: "[Esteban Rodrigues: Acordar e adormecer vulcões - Entrevista \(matinaljornalismo.com.br\)](#)". Acessado em: 18 de jun. de 2024.

ME GRITARAM HIPÓCRITA

na porta do armário
me gritaram
Hipócrita
e outros me olharam

Meu
Eu
Hipócrita
foi gritado

meu eu hipócrita
carregava uma mochila
cheia
de direitos arrancados
e exposição gratuita

Exposto
de novo

meu eu hipócrita
obrigado a usar
o banheiro errado
o pronome errado
porque certos são os Outros

por usar camiseta
e não o padrão de quem sou
no lugar que insistem
em me tratar
pelo que nunca fui.

(Esteban Rodrigues, Brasil, 2021)